

MISTÉRIOS INVISÍVEIS QUE
NÃO BROTAM IGUAL AO SEIO
(OS PAIS SEMPRE CHEGAM ATRASADOS)

Carlos Pessoa Rosa

UM POUCO DE GEOGRAFIA	3
OS INTERMINÁVEIS CONFLITOS DE GERAÇÕES	6
TALVEZ O MEDO DE PERDER, DESEJAR O MELHOR... ..	10
A ESCOLHA É NOSSA	13
EU DESEJO, MAS TENHO MUITO MEDO DE CRESCER.....	17
NÃO CURTO MUITO AS MUDANÇAS	20
ANA FEZ UM <i>BOOK</i> FOTOGRÁFICO.....	22
NÃO HAVIA DIFERENÇA ENTRE UMA CADELA NO CIO E ANA.....	25
NÃO REPETIR O MODO DOS PAIS	27
O TRABALHO DE HISTÓRIA	30
O PROFESSOR DE HISTÓRIA É RESPONSÁVEL	33
O BANDO NOS ISOLA	36
PINTURA DE AUTOR ANÔNIMO?	39
DIFÍCIL DEVE SER O EQUILÍBRIO	43
MISTÉRIOS INVISÍVEIS QUE BROTAM JUNTO AO SEIO	46
OS PAIS SEMPRE CHEGAM ATRASADOS	48
IMAGINEM SE KLEE FOSSE ALUNO DE DONA DALVA	53
ACHO QUE O CACHORRO É NOSSO PRIMEIRO HOMEM	54
NÃO QUERO MEUS DIAS COMO BONECAS RUSSAS ENFILEIRADAS	56
A ESCOLA FEZ COM QUE PERDESSEM SUAS LINGUAGENS.....	58
A REDAÇÃO.....	61
O RECOLHIMENTO	63
A CONSULTA COM A GINECOLOGISTA	66
MEUS COLEGAS ARRASTAM-SE COMO LESMAS.....	68
CHOROS PERDIDOS NOS CANTOS	70
O PREPARO PARA O ENCONTRO	73
O PAI DE JONATHAN	77

UM POUCO DE GEOGRAFIA

Faz um calor insuportável. Estou na sombra, sentada em uma mureta protegida por um pinheiro que fica no portão lateral de casa. Gosto deste lado esquecido, as paredes musgosas e o óxido transformando a fechadura. Aqui as formigas cortadeiras não são importunadas, carregam pedaços de folhas em direção aos olheiros e dali para canais subterrâneos.

Nasci aqui no bairro, a casa foi de meu avô materno. Foi ele quem a construiu. A maioria por aqui tem título universitário ou é dono de algum negócio. As casas são construídas em terrenos grandes. Foi um dos primeiros loteamentos na região. Alguns moradores se foram, para apartamentos ou outras cidades, mas a maioria permanece no local.

Vi algumas fotografias do início da construção da casa. Meu pai mostrou-me o álbum. Não havia asfalto. As árvores, hoje enormes, não passavam de brotos recém-plantados. Portão eletrônico para quê? Nem muro havia. Você deve estranhar nós morarmos em uma casa. Meus pais também pensaram em mudar, comprar um apartamento, mas minha mãe faz parte da fundação da casa, enraizou na argamassa e no bairro. Não quis sair.

Eu não gostaria de morar em outro lugar, acostumei-me com a rua. Em parte, os vizinhos resolveram o problema de segurança,

contrataram uma empresa especializada, tem um guarda em cada extremo da rua, vinte e quatro horas por dia. Meu pai diz que já foi o melhor bairro para se morar em São Paulo. Os vizinhos reuniam-se na calçada para falar do dia-a-dia, trocavam experiências, receitas e alhos. Os filhos brincavam livremente enquanto a conversa acertava idéias e comportamentos. Passei por todas as fotos, a de minha mãe pulando corda, meu avô de camiseta branca e tamancos, minha avó conversando com as vizinhas.

Praticamente, não há nuvens no céu. Aves planam, pequenas e distantes. Onde estão, deve haver algum frescor. Um avião rouba o silêncio. O Sol queima tudo que encontra. Pior agora, diz minha mãe. Uma falha na camada de ozônio é a responsável pelo aumento de temperatura, explicou-me o professor de geografia. Ouvi dizer que um dos amigos de meu pai tem câncer de pele por causa dessa falha. O homem é descuidado, estou aprendendo.

O asfalto deve estar fervendo, nem pensar em brincar de amarelinha. Antes, usávamos carvão para marcar a terra, agora é o tijolo que as crianças usam no asfalto. Na sombra, as hortênsias sobrevivem com suas flores azuis e róseas. Perguntei o motivo para o professor de biologia, disse-me que a cor dependia da acidez da terra. Gosto de plantas. Entre as folhagens, na umidade e escuridão, há uma diversidade infinita: begoniáceas úmidas, minúsculas aranhas em tear contínuo, construindo armadilhas, insetos desavisados presos na malha,

pequenas conchas, a lesma antenada a tracejar brilhosos destinos e o velho regador de brinquedo, mordido pela ferrugem.

Na rua, não há alma viva. Nenhuma criança brincando. Nem cachorro arrisca. Este verão está bárbaro para uma praia. Adoro a cor e o cheiro do mar. Invejo quem mora no litoral. Nestas condições, estão pegando ondas. É certo. Adoro o surfe. Dessa vez não deu... Obrigações escolares. Plantar para o futuro. De que falam? Vivemos rodeados de incertezas e desgraças. Pare com isso! Verdade. O que deu em mim? Começar assim é pedir para você abandonar a leitura. Quando for independente vou morar em Floripa. Aí você gostou, tenho certeza. Virou a terra prometida, todo jovem quer viver em Floripa.

Combinei com os colegas de classe uma reunião à tarde para definirmos quem vai fazer o quê no trabalho de história. Estudar com essa temperatura não vai ser mole.

OS INTERMINÁVEIS CONFLITOS DE GERAÇÕES

O pai ouve música. O som vem do escritório. Próximo do calçamento de pedra, onde antigamente havia um pessegueiro. Bach! De tanto ouvir, decorei. Até o aniversário de casamento de meus pais, nunca me agradou. O tempo nos modifica, também não subo mais em árvores, não brinco de amarelinha e não pulo cordas. Não sei se é bom... Faz um ano. É isso, saíram para jantar. Entrei no escritório, adoro o piso, soalhado de madeira corrida. Meu pai mantém um velho rádio de válvulas, daqueles que precisam esquentar para sintonizar a estação, e um relógio de parede, com um pêndulo dourado maravilhoso. Sua biblioteca serve de consulta aos amigos do jornal, dizem que ele tem uma das melhores coleções de obras literárias. Também, não havia referências de livros que ele não fosse procurar no sebo. Quando criança, enquanto ele ficava pendurado na velha Remington, eu brincava com minhas bonecas. Mantém o hábito. Não aderiu ao CD nem ao computador, continua a escrever ouvindo música em disco de vinil. Tem um técnico, desses que consertam tudo, que dá manutenção às coisas dele. O problema é que está velho e surdo, o que está preocupando meu pai.

Naquele dia liguei a vitrola. Não me pergunte o motivo. Se não gostava, por que ouvir? Para minha surpresa, de tão relaxada, adormeci. Acordei com o ruído de chaves na porta e o riscar áspero da agulha no disco. Arrumei tudo rapidinho e corri para o quarto. Desci no outro dia, quando minha mãe avisou que o lanche estava pronto. Perguntaram o que eu havia feito na ausência deles. Desconversei. Disse que passei o tempo lendo. Para não dar o braço a torcer. Imagine se eles soubessem que a filha ouvia Bach. O bairro todo saberia. Por tabela, meus colegas de escola acabariam descobrindo, seus pais me usariam como exemplo em seus sermões, estaria perdida. Melhor nem pensar. Se não aconteceu, ótimo. Nunca suspeitaram, muito menos perceberam meu repentino interesse, desde aquele dia, pelas músicas que vazavam das frestas do escritório de meu pai. Esta mureta passou a ser meu local de descanso. Pierre foi o único a quem confidenciei. A música e os pincéis, hoje, fazem parte de minha vida. É agradável pintar ouvindo música.

Em qualquer família, toda seta tem duas direções. Meus pais também cismam com o que ouço. São pais, não é verdade? Fossem diferentes, teriam outra designação. Todos perdemos com isso. O prejuízo é grande para os dois lados. Aprendi ao perceber as coisas legais que deixei de experimentar por puro preconceito. Muitos amigos foram deixados de lado pela idéia que fazia deles. Como se nós fôssemos seres muito melhores. Maldita arrogância! Com ela, não

percebemos o que está acontecendo a nossa volta; bloqueamos nosso crescimento, viramos papagaios de conceitos enfiados em nossas cabeças. E crescer é isso, perceber a nós próprios e aos outros, administrar as diferenças.

Meus pais também não me conhecem de verdade, muita coisa nunca lhes disse, sei que já começam a admitir o erro, mas é difícil retomar o que passou, estão cheios de verdades incrustadas na cabeça; igual pedra. Bem que poderiam... Me conhecer um pouquinho mais. Totalmente, seria impossível, eu sei, nem mesmo nós chegaremos a nos conhecer.

Quer um exemplo da mudança de meus pais? Detestavam o U2. Atualmente, ouvem sem reclamar, meu pai até faz alguns comentários sobre a música. Só não gostam quando coloco o som no último. Oficialmente, até um tempo atrás, só concordávamos em ouvir Rita Lee. Pertenceram à época do lança-perfume... A idade pode atrapalhar a relação. Não é mole ter pais idosos. Mamãe tem cinquenta e dois anos – que ela não leia o texto, não diz a idade a ninguém – e papai, sessenta. Você deve ter amigos na mesma situação que a minha. Que escolha!?

Não fosse a mãe com suas manias antigas e tudo seria mais digestível. O velho até que tenta entrar em sincronia, conversa com meus amigos, prepara o churrasco para a turma. Logicamente, não perde oportunidade para sondar a vida de cada um, na maior cara-de-pau, como se ninguém estivesse sacando. É duro quando precisa, mas não

desrespeita promessa. Não me deixou ir à discoteca com treze anos. Com quatorze, tudo bem, disse-me, olho no olho. Ao completar quatorze, nem precisei pedir.

Bem que as amigas insistiram para que eu o enganasse, ofereceram suas casas para eu ir dormir. Não podia romper a confiança, dirigi umas boas às meninas, ele sempre respeitou os tratos, nunca mentiu, não seria eu a romper um. Além disso, mentir é o maior furo, minha avó dizia que mentira tinha perna curta. Elas que não aprendem. Em casa ainda temos esse costume. Caretice! Foi o que me disseram as amigas. Não devo abandonar meus princípios... Chique, não? Aprendi na aula de história. Conceitos antigos, talvez você pensasse. Nem tudo que é antigo é ruim, sabedoria necessita de tempo para se desenvolver; além disso, me pertencem.

TALVEZ O MEDO DE PERDER, DESEJAR O MELHOR...

Mamãe é um caso especial, merece um parágrafo, se não um capítulo, todinho pra ela. Para não dizer um livro. Passa parte do dia entre os ruídos de pratos e xícaras. Adora uma cozinha. Se seguirmos as hortênsias, chegaremos lá, é onde deve estar neste momento, em afazeres culinários. Passa a manhã preocupada com o almoço; à tarde, com o jantar. Temos empregada, a Cida, que veio de Porto Seguro. É extrovertida e engraçada. Está com a família desde meu nascimento. Detesta cozinhar. Talvez seja esse o motivo de se darem tão bem. Não se intromete com minha mãe e vice-versa. As duas reclamam quando saio do banheiro respingando água no corredor que dá no meu quarto.

Se deixar minha mãe nos enche, eu e papai, de doces e bolos. É lógico que a boca é nossa, mas quem, vendo seus quitutes, resistiria? Engordou muito nos últimos anos. Não recusa receitas novas, está sempre atendida nas novidades. Assiste a todos os programas culinários. Por mais que tente, não emagrece, não adere aos tratamentos médicos ou alternativos. Vigilantes do peso foi a última moda. Mal sabem eles que à noite, quando vigilante é guarda-noturno, ela ataca a geladeira. O peso levou-a a fixação por balanças. Por isso não me

agrada sair com mamãe. Ela pára em todas as farmácias que encontra pelo caminho. Não há uma correta em toda a cidade.

Quando não está na cozinha, está na academia. Malhar não malha, engana bem. Depois, cabeleireiro, manicuro, pedicuro etc. De seus defeitos, o pior é que ela nunca tem certeza de nada. Um ‘sim’ pela manhã pode transformar-se em um ‘não’ à tarde. Nem ela se entende. Qualquer decisão a tomar, liga para o marido. Com isso, saio ganhando. Mesmo metido em terno e gravata, ele é mais compreensivo. Caso contrário, eu estaria perdida. Às vezes, chego a pensar que papai casou só para ter uma cozinheira. Mas é só a raiva esvaecer-se para tudo ser esquecido, ela tem muitas qualidades, mas não a vejo como uma pessoa feliz... Como os adultos são atrapalhados, não devo me meter em suas questões. Acho que não é a idade, talvez o medo de perder, desejar o melhor... Sei lá, melhor não pensar muito. Devo ficar na minha, entender, só se for com o tempo. Não me parece ser muito diferente com os pais mais jovens e as mães independentes. A mãe do meu amigo francês, por exemplo, bem mais moça que a minha, gastou um dinheirão em uma clínica para emagrecer. Foi expulsa por contrabando de doce. No tubo da pasta de dente, colocou leite condensado. É isso mesmo! Ouvimos quando confessava o fato a minha mãe. E nós é que somos amolecados. É empresária, proprietária de uma pequena indústria de doces caseiros. Não, não é igual a minha mãe. De guloseimas ela não entende. Na verdade, vive dizendo que odeia cozinha. Tem lá uma

dezena de funcionários e uma gerente especializada em doces mineiros que fazem todo o serviço para ela. Mãe que trabalha fora é obrigada a esquecer um pouco o filho. O francês reclama muito. Tudo tem dois lados, acredito já ter dito isto. Gostaria que a minha não me sufocasse tanto. Poderia até arranjar um serviço que a obrigasse a sair algumas horas de casa. Acho que melhoraria nossa relação.

A ESCOLHA É NOSSA

Eu sou magra. Mamãe não pára de me alertar para minha magreza. É horrorosa quando se mete a falar de meu corpo para as amigas. Não sei mais o que fazer com ela... Também, não come quase nada! Ainda vai ser internada! Deve haver uma boa dose de inveja, eu sei disso. Cuide dos seus 100 quilos, penso. Não digo, não! Só complicará minha relação com ela. Para quê, se habitamos o mesmo espaço?

Outro dia, flagrei-a no banheiro se pesando. Não trancou a porta. Essas balanças de chão. Nua e de óculos. Sem eles não enxerga o ponteiro. O visual já era uma piada. O riso saiu sem controle. Quase apanhei. Ela pensou que era por causa do peso. Suma daqui! Não era, mas não pude dizer. Objetivo dela: 70 quilos. Ah!, Ah!, Ah!... Enquanto não consegue, sou obrigada a engolir as observações inoportunas que dirige a mim. É só ficar brava para me chamar de espingolada e anoréxica. Faço que não ligo. Bem lá no fundo, a vontade é pular no pescoço dela e ofendê-la com outros adjetivos: balofa, bezerrona, grassenta, perua...

Não, não sei o que o pai pensa de mim. Nunca diz. Faz uns reparos quando meu modo de vestir não o agrada, mas sempre para

minha mãe. Nunca diz direto. Os pais de minhas amigas também agem desse modo. Ultimamente as queixas têm-se tornado mais frequentes, estou crescendo rapidamente, as roupas ficam apertadas, às vezes exageradas demais, sensuais até.

Que calor! Floripa, Floripa, me espere... A vontade é ficar nua. Ainda tenho algum tempo antes de a turma chegar. O trabalho é sobre o golpe militar. O professor de história é bárbaro! Bonito? Não faz o meu gênero, um pouco baixo para meu gosto, muito pêlo no corpo. É um tipo mais para Ana. Competente ele é. Uns dos poucos. Tem um jeito muito especial de ensinar. Arnaldo, esse é o nome dele, orienta um grupo de alunos para preparar o texto que será apresentado e debatido em sala de aula. Toda a classe tem que trazer a matéria afiada. Cabe aos alunos dirigir perguntas ao grupo. Questão não respondida, ponto para quem a fez. A nota de quem preparou o tema é dada pelo conteúdo e nível de discussão, independentemente das questões não respondidas. Ele somente orienta o debate. Nada de enfiar em nossa cabeça conceitos pessoais ou, como diz, aceitar sem análise a história oficial. Utiliza-se de nosso raciocínio para desenvolver a discussão. Não nos impõem os caminhos, a escolha é nossa. Sem ‘achismos’. Quer deixá-lo nervoso é só dizer algo sem referência. Virou uma praga essa mania de opinar gratuitamente. Acho que a mídia tem um pouco de culpa nisso.

Meu pai, quando soube do tema do trabalho, ofereceu-nos sua biblioteca, não sei como, detesta emprestar suas coisas; livros, então,

nem pensar! Seus amigos podem consultá-los, mas nunca levá-los. Há um pouco de egoísmo nisso, afinal para que servem os livros que não seja para serem lidos? Pouco importa, teremos jornais e revistas da época. Guardou toda a coleção da revista *Realidade* e do *Pasquim*.

Minha mãe, ao contrário, entortou o nariz ao saber de nosso interesse pelo golpe militar. Vão começar tudo de novo, disse a meu pai. Por falar nela... Eis que aparece no outro lado da casa, saindo pelo portão que dá na cozinha. Aonde vai? Alguns amigos adivinham o destino dos pais pelas roupas que usam. No caso de minha mãe, não dá. Está sempre preparada para um grande evento, vá ao supermercado ou a um casamento. Grita avisando que voltará logo. Que me importa?

No escritório a Remington silenciou e papai diminuiu o som. Apareceu na janela. O que foi? Pulo da mureta para vê-lo melhor, um hibisco tapa minha visão. O rosto alongado de negras sobranceiras aguarda uma resposta, na verdade, qualquer uma. É mamãe, está de saída. Pra onde – a demonstrar interesse pelo que acontece na casa. Compras, respondo. Ah, então está bem, sussurra. Não demora e o teclado volta a registrar suas estranhas crônicas para o jornal. Brincaria com as palavras até a hora do jantar. Depois, assistiria ao jornal da Record, gosta do Boris. Em casa temos dois televisores. Na mesma hora, minha mãe assiste às novelas. Eu sempre o acompanho, apesar de não gostar da teatralidade do apresentador do jornal.

Melhor entrar. Hoje não pinteí. O corpo suarento incomoda. Seguir o caminho das pedras, rodear o escritório, a sala de lustre italiano, a saleta da TV, a sala de jantar... Porra! Deixou o portão aberto... Bani, volte! Meu pequeno cão fareja cada canto e pinga umas gotas de urina, demarca o território. Quanto mais me aproximo dele, mais depressa segue em frente, a língua tremulando no canto do focinho. Mija olhando-me de lado. Só pára quando um cão enorme o intimida. Então, consigo pegá-lo, o olhar assustado, rabo entre as pernas e os pêlos arrepiados. Não pára de lamber meu rosto. Merecia um puxão de orelha. Não consigo, encho-o de carinhos e beijos. Também, com aquela expressão assustada, pedindo proteção. Precisa de um banho, seu malandro! O pêlo brilhoso e fedorento. Fecho o portão e largo o cão no quintal. Refugia-se no canil. O animal se foi, mas o odor não. Minha mãe sempre apronta dessas, vive no mundo da lua. Agora tenho dois motivos para uma chuveirada.

EU DESEJO, MAS TENHO MUITO MEDO DE CRESCER

É o terceiro banho que tomo. A pele está gordurenta e os cabelos pegajosos. A menstruação veio faz alguns meses. Aquele medo de ser surpreendida acabou. O atraso não me preocupou, todas as mulheres da família menstruaram tarde. Portanto, não adiantava me grilar. Minha mãe soube no mesmo dia. Por aí deu para ver o tamanho da ansiedade dela. Depois dos treze, apareceu um corrimento branco, não disse nada em casa, para não preocupá-la lavo minhas calcinhas no banho, não deixo indício do problema, de certo modo, Ana já me tranqüilizou, disse ser normal. Explicou-me que o corrimento ruim tem cheiro forte e causa coceira. Ana não é mais virgem, consultou médicos diversas vezes, disse-me que descuidou e ganhou um ferimento no colo do útero. Cauterizou a lesão. Perguntei-lhe o que era isso. Explicou-me que queimavam o local para que a ferida cicatrizasse. Não dói? Só um pouco de cólica, mas logo passa, respondeu-me. Não devia estar usando preservativo... Como alguém pode se descuidar? Você quer saber? No caso de Ana, o responsável é o álcool. Quando ela bebe fica engraçada e entra em alfa; desliga. No dia seguinte não sabe o que aconteceu. E os meninos você sabe como são, adoram transar sem camisinha. Hoje, não dá, mesmo não tendo transado, carrego essa preocupação comigo.

Com a descoberta de minha primeira menstruação, surgiram novas manias em casa. Uma enxurrada de novos conselhos começou a sair da boca de meus pais. ‘Agora’ é a palavra que mais ouço. Agora, Silvinha, você está ficando mocinha...; Agora você precisa ter cuidado...; Agora... Merda! Meu amigo francês é quem gosta de usar essa palavra. Não consigo dizer como ele, com o ‘e’ aberto, o ‘r’ escorrido e o ‘i’ final. “Mérrrdi!” Bach entra pela janela do banheiro. Detesto Bach! Pobre Bach... Já disse que não é mais verdade. A raiva nos faz dizer cada coisa! Ouçam Bach e compreenderão o que digo.

Mantenho no quarto todos os bichinhos de pelúcia que ganhei ou comprei. Tenho de todos os tamanhos e lugares. É outra coisa que minha mãe não deixa de reclamar. É só meu nariz começar a escorrer para ela culpar os pobres animais inanimados. Você não ouviu o que o doutor disse, que os pêlos são um reservatório de pó e ácaros?

Eu também estava lá, portanto ouvi o que o médico – escolhido por ela, é bom dizer – afirmou, mas não vou abandoná-los, a rinite eu suporto, nada me convencerá do contrário, nem ela nem o profissional. Além disso, ela nunca se lembra da proibição de suas cortinas e do carpete. Quando ele falou do problema com os animais de pelúcia ela virou para mim com ar maternal, Eu não disse? Agora, quando ele falou das cortinas e do carpete, ela foi logo dizendo que a empregada é muito boa e a casa é bem arejada. Além disso, meu carpete é antialérgico,

disse de um modo empinado. Carpete e cortinas têm na casa toda, só no meu quarto é que não, eu não quis.

Dane-se, podia me dar um descanso. Mas nem na ausência ela me deixa. Não consigo. Insiste em cobrar se eu não vou crescer. O que vou fazer se não consigo dormir sem o cheirinho do Toni, meu urso mais antigo? Além disso, o que eles querem dizer com ‘crescer’? Ouvir as músicas que eles gostam? Passar as tardes reunidas com as amigas vendo filme pornô como fazem algumas mães de amigos meus? Ter as roupas cheirando a gordura? Ficar fofocando em cabeleireiros ou em clínicas de estética, enchendo o corpo de silicone ou aspirando o excesso de gordura?

Não, quero algo mais para mim, junto com minha infância e meus sonhos. Não quero me despregar nunca de tudo que gosto. Confesso a você que tenho medo de crescer, ficar igual, não desenvolver minhas capacidades. Não quero ser uma repetição deles, mesmo começando a entender que não tiveram, ou não se deram, outras opções. Não posso nem pensar em dizer isso a ela.

NÃO CURTO MUITO AS MUDANÇAS

Meus bichos não incomodam meu pai. Ele tem mais classe ou é mais acomodado, não gasta a voz com inutilidades. Nunca o vi repreender minha mãe. Qualquer observação sua tem o tamanho certo. Talvez por ouvir Bach. Não é por ser meu pai, não. Muitos pais são piores que as mães. Órfãos de fantasias. Além disso, adoro meu quarto; não me influenciaria pela opinião deles. Tudo aqui dentro tem a minha cara, o meu jeito, a minha textura.

No porta-retratos, sobre a escrivaninha, mantenho uma fotografia minha. Uma pinta negra e oval marca o rosto traquina da criança no berço. Por que sorria? A roupa amarela era maior que meu corpo. Nasci com menos de dois quilos. Um ratinho, diz meu pai.

Dizem que eu mamava de duas em duas horas. Acredito. Não consigo esperar um minuto quando a fome bate. Quer me ver irritada é me deixar faminta. Sinto dó de minha mãe pela minha gulodice, ofereceu-me o seio até os nove meses. Coitada... Mas não lhe digo. O interessante é que disso, nunca reclamou. Sempre diz com um rosto de saudade. Apesar da vaidade, é a favor da amamentação. Vejo-a sempre insistindo com as sobrinhas sobre a necessidade de alimentar os filhos

nos seios. Minhas amigas têm medo que caiam, mas os de minha mãe, apesar do peso, são bem formados. E ela me amamentou até tarde.

No colo, levo a tartaruga amarela. Está guardada no armário. Acompanhou-me toda a infância. Um pouco envelhecida, as cores sem brilho e toda craquelê. Com sete anos pedi uma tartaruga de presente, ela vivia no jardim, adorava banana, não deixava pé dando bandeira sem uma mordida. Com aquele jeito lerdo de se movimentar, sumiu. Até o travesseiro azul eu guardei...

Ultimamente, evito o espelho. Nem ao escovar os dentes, presto muita atenção em mim. Acho que ninguém o faz, o espelho faz parte do hábito, ninguém se fixa no que vê. De qualquer modo, incomodam-me as transformações que ocorrem em meu corpo. A pele está mais sensível, o bico do seio encolhe-se todo a um simples toque. Sinto um calor esquisito ao urinar...

Sou diferente de minhas amigas. Não curto muito as mudanças. Observo-as um pouco de lado. Obliquamente... Li outro dia em um conto. Gostei desse modo de dizer. Onde estava mesmo? Ah, nas mudanças. Eu procuro escondê-las. Chego a duvidar de minha sexualidade. Verdade! Nunca contei a ninguém. Nem a Pierre. Dizem que é normal, que o adolescente ainda não se definiu sexualmente. Bem no fundo, eu quero que isso aconteça... Fico assustada com todas as expectativas e dúvidas.

ANA FEZ UM *BOOK* FOTOGRÁFICO

Oscilo entre admirar e criticar o jeito despojado e exibido de Ana. Já falei dela, é a amiga de classe que adora homens peludos e me deu uma aula sobre corrimento. Nada amedronta Ana. Com certeza, não! Os homens não param de fitá-la, muito mais pelo ar de cigana que traz no rosto do que pelo corpo que é perfeito.

Dia desses, no metrô, um velho de cabelos e bigodes brancos não tirava os olhos das pernas dela. O vestido curto e apertado chamava mais a atenção para as pernas cruzadas de modo a deixar as coxas à vista. Nem ligo, disse-me, ao chamar a atenção dela, grandes e amendoados olhos incrustados na aparente indiferença. No fundo, Ana parecia gostar de ser observada, puxava o desejo alheio com as pernas roliças e os enormes seios dependurados no peito. O homem, flagrado por mim, desviou os olhos das partes dela. Mas foi por pouco tempo.

Convidaram Ana para uma sessão de fotografias. Passeava no shopping quando uma mulher se aproximou dela e convidou-a para visitar uma agência de modelos. Na hora, não deu muita importância. Depois, resolveu ir. Seus pais não souberam. Não me contou os detalhes, também não insisti. Na minha opinião, daria uma boa modelo.

Acho que lhe disse. Fez um *book* fotográfico. Na foto vi que eram seus olhos que chamavam a atenção, mais que o corpo.

O sonho de riqueza e independência fácil ronda as cabeças de minhas amigas. Muitas invejam o corpo de Ana. Depois que souberam do ensaio, piorou. Não gosto que Ana frequente minha casa. Desconverso no portão. Meu pai tem cabelos brancos como o homem do trem... Nos momentos de raiva, mamãe diz que papai é um mole, que mulher nenhuma ligaria para um bonachão daqueles. Não acho isso, não. Meu pai é quieto, isso é verdade, gosta das coisas muito certinhas, para tudo tem um outro modo de ver, não consegue ter opinião formada de nada, mas é bonito e simpático. Se fosse ela, tomaria mais cuidado. Conheço Ana e sei que na fase atual ela não está respeitando nada.

Meu amigo, o francês, o que diz ‘merda’ de um modo gostoso, ficou incomodado ao ver Ana nas mãos dos alunos mais adiantados. Veja Ana, disse-me, cutucando-me com o cotovelo, já vai deixar-se bolinar. Não se cansa de chamá-la de puta. Não é o único. Eu sei... Percebo que gostaria de ser um dos escolhidos. É só ver o modo com que ele a observa. Baba, até. As palavras saem de sua boca aos soluços. Pierre fica bravo quando o repreendo e lhe digo que gostaria de ficar com ela.

Não sei o motivo de Ana rejeitá-lo tanto. Bonito ele é. Aparenta mais idade. Alto e magrelo. Agradam-me seus lábios suculentos, em rosto geométrico. Tenho uma fotografia dele tirada em Pipa. Foi nas

férias. De óculos ficou mais bonito. Pena ser tão tímido. E não ter pêlos, diria Ana. Desconversa quando eu quero discutir com ele o assunto. Avermelha e foge.

NÃO HAVIA DIFERENÇA ENTRE UMA CADELA NO CIO E ANA

Apesar de gostar de meninos mais velhos, Ana não esconde a raiva que sente por Pierre. Ela passa dos quinze com dois belos seios. Os meus não passam de dois temerosos e endurecidos caroços. O tronco vergado tenta escondê-los mais ainda. Com a minha idade, ela já era uma mulher feita. Quatorze anos, completei há um mês. Eu sou desconjuntada e desengonçada, bem ao contrário de Ana.

No meu aniversário dos quatorze, Ana foi o centro das atenções; sempre rodeada de meninos. O francês aproveitou um instante na cozinha para me dizer que não havia diferença entre uma cadela no cio e Ana. Não respondi, a rejeição deixava-o muito irritado.

Fora o assanhamento de Ana e o mau humor de meu amigo, o aniversário foi muito legal. Rolou muita música e fofoca. Pink Floyd, U2, Rita Lee, Carlinhos Brown, Ed Motta etc. Eduardinho ofereceu-se para DJ. Engraçado, ele. Parece ficar fora do mundo quando está ouvindo música. Não estava com cara de quem havia apenas bebido. Agora, estudar que é bom, nada!

Minha mãe queria fazer bolo e brigadeiro. Aniversário de quatorze anos com bolo?! Imagine se eu deixaria. Não foi fácil convencê-la, precisei da ajuda de meus amigos. Ela ouviu a Dirce.

Jonathan, ela não pode nem ver. Não sei o motivo. Não é bem verdade o que digo, soube, por fofocas, que quando jovem teve um caso com o pai dele. Imaginem! O pai de Jonathan e minha mãe. Ainda bem que desistiu da idéia. Decidi que somente meus amigos participariam da festa. Nada de parentes...

Não faltaram os penetras, os arruaceiros, a turma da bebida e das brigas. Foi uma festa legal, varou a madrugada, não vou me esquecer. Pressentia que daquele momento em diante as coisas piorariam. Decidir que profissão seguir, ter consciência da necessidade de minha independência o mais rapidamente possível... Às vezes penso em constituir família, mas ao olhar em volta fico insegura. Não é o mundo que desejaria para alguém que saísse de minha barriga...

NÃO REPETIR O MODO DOS PAIS

Melhor me trocar, devem estar chegando. Uma calça jeans e uma camiseta. Depois da pesquisa de história, vou brincar com os pincéis, tenho que terminar um quadro, daí colocar uma calça puída e uma camiseta velha.

No corredor, o cheiro de chocolate vaza da cozinha. Mamãe voltou. Vai criticar minha roupa, com certeza. O ruído de louças cada vez mais próximo. Prepara um bolo de chocolate. Foi ao supermercado. O cheiro me enjoa. Qualquer cheiro me enjoa. Não sei o que acontece com meu nariz, de uns meses para cá, sinto tudo mais forte.

Você precisa ficar tanto tempo no banho? Perguntou sem se virar. Meu pai reclamou do aumento da conta de luz. Não consigo, digo-lhe, desinteressada, enquanto escolho uma fruta na geladeira. Não vou perder tempo em lhe explicar o motivo de tantos e tão demorados banhos. Que posso fazer? Não suporto o odor rançoso que escapa de meu corpo. Você pode achar um exagero o que vou dizer, mas é a pura verdade: não é nada bom ter um nariz que fareja como o de um cão...

Não é problema só de menina. Os meninos também sofrem com as mudanças. O francês de uns tempos para cá exala um cheiro diferente. Não é um cheiro ruim, não. Um pouco estranho, apenas. Ele começa a

ter o corpo mais musculoso e surge alguma pelugem no rosto. Não são as únicas mudanças, confessou-me um dia quando conversávamos no quarto. Muito envergonhado, demorou a se abrir. Achei engraçado quando falou ‘pênis’. Não teve coragem de dizer de outro modo. Diz que é vulgar. Um dia ele larga esse jeito de príncipe. Eu fico na minha. Mudança de cheiro, na voz, espinhas no rosto e... a estranha gordura que se formava no pinto. Acabou dizendo.

Outro dia, surpreendi meu pai e minha mãe se beijando na sala. Não adiantou disfarçarem. Um cheiro diferente impregnou o espaço. O mesmo odor que Ana e os meninos trazem dos fundos da escola. Por causa do bendito cheiro, eu odeio o André. Não gosto quando ele se aproxima de mim. Andou me rodeando, querendo ficar comigo. Pierre já me disse para tomar cuidado, que eu ainda sou criança para essas coisas. Quem ele pensa que é para me dar conselhos? Não vou admitir nem amigo meu interferir assim na minha vida, disse-lhe, irritada. Ficou magoado comigo. Pedi-lhe desculpas. Reconheceu que passou dos limites.

Ainda bem. Bastam as novas preocupações de meus pais. Um dia, sem mais, durante o jantar, disseram que eu não deveria levar Pierre para o quarto, que não era certo, que as pessoas poderiam pensar errado. Fiz um escarcéu. Gritei, chorei, derramei neles todo o meu ódio. Ameacei-os. Usaria drogas como muitos amigos meus, afirmei em momento de raiva. Disse-lhes onde e como conseguir. Descrevi um

cigarro de maconha e o preparo do *crack*. Ficaram apavorados. É claro que não o fazia, mas com a ameaça consegui uma trégua.

Não duraria uma semana, eu sabia. Trégua de pais é assim mesmo. Logo voltam aos velhos chavões e medos. Quando tiver filhos, espero não agir do mesmo modo. Pierre me disse que sua mãe também havia prometido não repetir os pais, mas, mesmo sem querer, o fazia. Reconheceu em uma discussão que tiveram. De qualquer jeito, espero que não aconteça comigo.

O TRABALHO DE HISTÓRIA

A campainha... Chegaram. A janela emperrada. De dentro, gesticulo com a mão para esperarem. Demoram a responder. Saio, apressada. Aonde você está indo, correndo desse jeito? São meus colegas de escola que vieram para o trabalho. E essa roupa menina! Parece uma mendiga. Sabia. Vou pintar com Pierre depois da reunião. Não pode colocar uma roupa melhor? O que vão falar de nós? Que se dane, pensei comigo.

Estavam lá o amigo francês, Jonathan e Dirce. Pelas mochilas, material de estudo não faltaria. Fomos para a garagem, fica no fundo da casa. Meu pai não a utiliza para colocar os carros, fez dela uma oficina para realizar pequenos reparos caseiros. Há uma mesa de madeira maciça no centro, as cadeiras são grosseiras e sem pintura. Na parede encontramos material elétrico, ferramentas de carpintaria e jardim. Sobre a mesa meu pai havia deixado algumas cópias xerográficas das revistas. Sabia que não conseguiria deixar os originais.

Tínhamos muito material, tanto visual como escrito. Não seria fácil. De leva, temos Jonathan em nosso grupo, em tudo diferente de Pierre. Fala pelos cotovelos. Adora história, está por dentro de tudo que acontece em política. Facilitaria ainda mais. Meu pai disse que, nos

anos sessentas, quando era estudante na Federal de Brasília, o pai de Jonathan fora preso e exilado. Torturado, foi libertado quando do seqüestro de um embaixador americano. Viveu na França onde fez filosofia e, posteriormente, psicanálise. Foi assistente de Lacan. Não disse de um possível namoro entre minha mãe e o pai de Jonathan. Saberá?

Dirce sugeriu que dividíssemos o material para estudo em quatro partes, uma relacionada com as entrevistas, outra com as expressões artísticas, mais outra com a história e por último o levantamento fotográfico. Achamos boa a idéia. Dirce sempre foi competente para organizar grupos de trabalho, estamos juntos desde o primário, o que ajuda bastante.

Há um boato na escola com relação à opção sexual de Dirce. Alguns comentários são preconceituosos e maldosos apesar do momento em que vivemos. Nunca me incomodou, o pessoal exagera, põe os próprios fantasmas nos outros. E se o interesse dela fosse homo, qual o problema? É uma pessoa super legal, sempre pronta a ajudar quem precise dela. Enfim, estamos aqui para trabalhar.

Dirce propôs ficar com a leitura das entrevistas, sugeriu que Jonathan preparasse o histórico, Pierre o levantamento fotográfico e eu as expressões artísticas da época. Sugerir trocar com Jonathan, talvez fosse difícil para ele, mas não aceitou, disse que o pai já lhe passara muita informação, o que economizaria tempo.

Cada um se acomodou a seu modo na garagem. Eu procurei uma sombra fora e ajeitei meu material sobre uma banqueta velha. Uma brisa começava a soprar no rosto da tarde, refrescava. Não demorou, estávamos os quatro aproveitando a mudança do tempo.

Único empecilho era o Bani. Solto, não parava de mexer no material para chamar a nossa atenção. Não restou outra opção que não fosse prendê-lo no canil. Sei que começaria a latir, que minha mãe gritaria da cozinha perguntando o que estava acontecendo e que, por fim, meu pai viria pegar o cão para dar uma volta, o que seria bom para o animal, para nós e para ele. Caminhar é bom, principalmente, para os velhos.

O PROFESSOR DE HISTÓRIA É RESPONSÁVEL

Estava curiosa para saber mais da vida do pai de Jonathan. O momento era propício, estudávamos a época em que ele fora preso. Encorajei. Jô, por que seu pai foi preso? Ele era da UNE. O que quer dizer? O quê? UNE, o que mais! Era uma organização nacional de estudantes que resolveu enfrentar o governo militar, reivindicavam mais verbas para as escolas e universidades públicas, uma política de auxílio aos estudantes pobres e bolsas de estudo. Vejam que engraçado! Era Pierre mostrando uma bandeira. Um garfo e uma faca sobre um livro. Era a bandeira da UNE, a fome de comida e a fome do saber, estômago cheio e escola de qualidade, foi logo nos explicando o Jonathan. Os militares assumiram o poder, limitaram os partidos, restringiram os direitos constitucionais, o presidente passaria a ser escolhido por eleição indireta. Como você sabe disso tudo Jonathan? Pierre, meu pai cursava o terceiro na Faculdade de Medicina em Brasília quando foi preso. Estava no Rio de Janeiro, haveria eleição na UNE, apesar da proibição. A polícia invadiu a UERJ, prendeu e espancou centenas de estudantes. Ele foi um dos presos.

Separei alguns artigos sobre o Zé Celso, o Caetano, o Chico Buarque e o Gilberto Gil. Zé Celso conhecia de uma entrevista que deu

na Cultura, o cara é só adrenalina, lançou no teatro *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, e, com o Chico Buarque, *Roda-Viva*. Um teatro intimista, que desejava estimular o povo a discutir temas importantes. Gil tinha 26 anos, ouvia a Banda de Pífaros de Caruaru e o ‘Sargent Pepper’s’, dos Beatles. Sugeriu uma revolução para Caetano, Chico e Francis...

E o comunismo? Por que diziam que os estudantes eram comunistas? Percebi o Jonathan um pouco irritado com a pergunta de Pierre. Dirce antecipou-se. Acho que a resposta dada na entrevista que o Travassos, o presidente da UNE, deu à revista *Realidade*, em 1968, nos esclarece: “Hoje a UNE se define com todo o rigor como a entidade que coordena a luta do movimento estudantil contra a ditadura. Suas posições são aprovadas em congressos e conselhos. Se ser comunista é trabalhar pra um movimento estudantil cada vez mais integrado na luta da grande maioria do povo brasileiro por sua libertação, se ser comunista é identificar como causa principal da miséria do povo a dominação imperialista, se ser comunista é lutar contra a opressão sobre os operários, camponeses, profissionais, intelectuais, então nós somos comunistas”. Isso mesmo Dirce, ser comunista ou não fazia parte do delírio existente nas casernas e nos púlpitos, acentuou Jonathan.

Fiquei chocada ao ver o corpo de um estudante morto. Vocês ainda não sabem de nada, diz Jonathan. Estupravam as mulheres, davam choques elétricos nos presos, enfiavam a cabeça do cidadão na água

obrigando-o a confessar crimes não cometidos. Muitos morreram nos presídios, foram enterrados na clandestinidade, amigos de meu pai simplesmente desapareceram. Não fosse o seqüestro do embaixador, ele estaria morto. O olhar úmido de Jonathan provocou um suspiro coletivo. Permanecemos em silêncio, cada qual com uma imagem daquela época. O clima foi quebrado pela minha mãe. Que cara de mortos!? Quando vi, não acreditei. Trazia uma bandeja com suco e bolo de chocolate. Não deixou de xeretar. Vejam lá o que vão fazer com isso, disse-nos, dirigindo um olhar de censura ao Jonathan.

Enquanto lanchávamos pensava no papel que tiveram meus pais na época. Afinal, tudo que nos cercava era resultado daquele momento negro da história. Depois do lanche, resolvemos parar. A hora passou sem que percebêssemos. Combinamos que cada um desenvolveria sua parte e que nos reuniríamos novamente para fechar o relatório.

O BANDO NOS ISOLA

Quando se foram, peguei meus pincéis e a tela. A história do pai de Jonathan pousou em mim e não queria levantar vôo. O Caetano e o Gil também foram exilados na França. Alguns morreram. Não tenho condições para julgar aquele momento, preciso ler mais, mas pelo que vejo no presente, dá para ter uma idéia. A escola faliu, a saúde também. Não sei se devo jogar toda a culpa na época, mas a miséria que nos cerca mostra que nada foi feito para evitar que chegássemos a isso.

Ainda bem nosso professor fugir à regra. Não podemos viver alienados, encastelados em um mundo artificial, fazemos parte de tudo isso. Mesmo nos omitindo, somos responsáveis. O Jonathan tem razão, precisamos andar com as próprias pernas, nada da passividade, da posição acomodada de quem espera acontecer – já foi motivo de música, eu sei. Como o professor Arnaldo, são poucos na escola. A maioria não age com seriedade, reclamam dos salários e do governo quando deveriam ser os primeiros a dar exemplo de cidadania. Não suporto mais, pelo menos essa escola que nos oferecem, o jogo bobo de ensinar e aprender, preparar para o vestibular, não para a vida. Transformam nossas cabeças em latas de conservas. Enfurnam um milhão de informações nelas. Depois, nos avaliam com testes de

múltipla escolha, cinco alternativas, podemos errar, mas apenas nos limites que nos oferecem.

Não bastasse o problema pedagógico, os colegas em nada ajudam com suas brincadeiras idiotas. Fumar escondido no banheiro, bolinar nos cantos escuros do muro e cabular aula para ir ao shopping é o máximo. Com cigarro, maconha, vitrines e sexo, melhor. Cocaína, já me ofereceram, não menti ao ameaçar meus pais quando quiseram proibir a entrada de Pierre no meu quarto. Qualquer pessoa de minha idade já conhece essas coisas. Dentro e fora dos muros o comércio corre solto. Já soube de professor que traficava. Todos fazem de conta que não é com eles. Os adultos fazem isso com tudo. Um morto na calçada apodrece se for depender da ação de alguém. Veja o caso da Dirce, perdeu o pai. Assalto. Foi a maior agitação no bairro. Um tiro no pescoço. O homem morreu no portão da casa. Com o peso da cabeça, a buzina disparou. Os ladrões correram sem levar nada. Puro engano. Tomaram a vida. Um dia ainda vou desenhar o grito calado na boca de todos. O corpo ficou horas aguardando o camburão. Mexer, ninguém teve coragem. Cada qual com seu medo, paralisados...

Estamos cheios; eu e Pierre. Acho que Jonathan faz parte do time, apenas é mais lutador, acredita na possibilidade de mudança, um idealista como o pai, é o responsável pelo jornal da escola o que lhe dá o direito de ser chamado na diretoria todos os meses. Somos diferentes, percebemos. Haveria algum motivo? Acho que pensamos muito. Às

vezes, tornamo-nos inconvenientes. Daí, o bando nos isola. Dane-se. Não ligamos, temos nosso jeito de ver o mundo, há outros modos de se viver. É só enxergar. O que não dá é a simulação e a ação só para contrariar. Agindo assim estaremos prejudicando a nós mesmos. O mundo é muito bonito, melhor aproveitar, viver intensamente, liberar adrenalina...

PINTURA DE AUTOR ANÔNIMO?

Pierre não foi embora, como havíamos combinado. Começou um novo quadro. Enquanto pintamos, não conversamos. Por que o fazemos? Talvez você pense que aprendemos na escola ou freqüentamos algum curso. Enganou-se. A aula de artes oferecida pela escola não passa de uma grande farsa, um cumprir de currículo. Fazer sacolas, bolsas, carruagens de madeira... Artesanato barato. Se não foi na escola... Foi na rua. Não se surpreenda. No bairro. Pura casualidade. Ou não. Talvez estivéssemos antenados para novas possibilidades.

Fazia calor como hoje. Estávamos adiantados para a aula de inglês. Resolvemos parar na sorveteria. Ao lado tem uma fábrica abandonada. Antigamente empregou muita gente no bairro. Fábrica de tecelagem. Já entramos lá dentro. As máquinas continuam lá, deterioradas pelo tempo. No chão encontramos carretéis de linha vazios. Fios e teares. Naquele dia um sujeito ensinava crianças a pintar. A parede servia de tela. Um bando espalhado ao longo da parede, cada um a seu modo, todos com pés descalços e a roupa encardida pelo uso diário. Muitos deles eram nossos conhecidos que evitávamos na rua. Medo de assalto e agressão. Um deles era filho do seu José, um dos seguranças do bairro, a mãe morreu atropelada. Arriscar a vida por um

salário mínimo mais a cesta básica. Alguns dirigiram um olhar rápido e voltaram aos afazeres. Pouco se importaram com a nossa presença. O mundo claramente dividido. De um lado os Mauricinhos; do outro, flanelinhas. Assim era no carro, na escola... *Apartheid* declarado. Que falácia! Muito pior é ignorar o problema. No shopping nem entram, se tentarem terão um segurança no pé até que a humilhação os devolva à rua.

O homem que os orientava, vendo nosso interesse, pediu que nos aproximássemos. Com a calma com que se expressou, fomos sem contestar. Disse-nos ser professor de filosofia desempregado e artista plástico. Estava fazendo um trabalho voluntário. Vi que trazia diversos livros de pintura que espalhou no chão ao longo da parede. Havia mais alguns em uma mochila. Um deles estava aberto perto de nós, sobre uma folha de jornal. A pintura me atraiu. Era de um tal de Paul Klee. Não sei dizer o que senti, mas os desenhos do cara me agradaram. A Pierre também.

Adorei *O saltimbanco, Passeio de barco no canal...* Melhor você mesmo ver. A professora, com certeza, não vai gostar, mas que valeria a pena levar na escola, não tenho dúvida. Dona Dalva é um caso perdido. Aquele jeito bonachão de não respeitar nossos desenhos corrigindo-os com caneta vermelha. Professora burocrata. É como Jonathan a define. Funcionária pública. Mal paga e insatisfeita. A

miopia e a vesguice não são apenas um problema anatômico, mas também pedagógico.

Pierre ficou doido quando ela corrigiu o navio que havia desenhado. Disse-lhe que em contato com a água a linha não poderia ser reta. Nenhum professor deveria merecer os adjetivos pensados naquele momento por Pierre. Não disse. Pierre afogou-a dez vezes na raiva. Eu também. Não suporto ver meus amigos serem tratados sem respeito. Discutir não adiantava. Até castigo poderia pintar. E a escola é considerada a melhor da região. Os pais não têm idéia do que está ocorrendo...

Ouvi outro dia a opinião de um entrevistado na TV dizendo que deveria haver uma lei que exigisse dos proprietários das escolas alguma formação pedagógica. Adiantaria? Há tantas escolas fingindo ensinar, vendendo diploma. Quem não quer uma boa escola? Sei que tem muita gente sem crítica, para esses qualquer coisa serve...

Não posso me perder, tentava explicar como iniciamos na pintura e veja onde aportamos. Com dona Dalva você já percebeu que não foi. Klee nos motivou. O interessante é que com a pintura, descobri que meu olhar também estava se modificando. O laranja e o amarelo me atraem mais que antes. Não era somente o cheiro e o som que se transformavam. Sinto uma coisa esquisita no peito ao entrar em contato com essas cores. Por que não discutem essas questões na escola? Lá só há espaço para as cores frias. O uniforme é marrom. Imaginem! A

camisa é branca. Nosso uniforme é de um marrom sem brilho. Adoro a cor e o brilho do barro. Acariciar a massa... Descobrir formas, a água na dose certa.

Pierre, que tem mania de menosprezar tudo o que foge de seu controle, também não desviou a atenção dos desenhos de Klee. O artista ofereceu-nos tinta e pincel. Não sei o motivo, mas preferi usar a mão. Distraídos, as horas passaram rapidamente, esquecidos do mundo e ele de nós. Sem sentir as diferenças. Quando notamos... Perdemos a aula de inglês. Precisávamos ir. O desenho ficou lá, misturado a outros, alguns realistas demais, outros totalmente abstratos. O nosso formava um enorme voleio em azul com o laranja e o branco vindo do fundo.

Não fosse Pierre atentar-me para a luz verde no farol do cruzamento, ficaria admirando nossa criação. Ele não deixou; puxou-me pelo braço. Pintura de autor anônimo? A voz do homem de olhar sereno e barba por fazer foi a última coisa ouvida. Assinamos, eu e Pierre. Ficamos felizes com o resultado. O professor também. Nada do semblante pesado de meu pai. Um tchau e a correria para não recebermos bronca. Foi super legal...

DIFÍCIL DEVE SER O EQUILÍBRIO

Pierre e eu passamos todos os dias para ver o trabalho na parede da fábrica. Encontramos alguns dos garotos que também participavam. Hoje, nos cumprimentamos. Perdemos o medo. Em casa, fiz uma reprodução em pastel do pintado na parede naquele dia. Nunca mais encontramos o professor de filosofia desempregado. Dia a dia, as imagens se desfazem. A última chuva levou quase toda a tinta. Seu desaparecimento parecia querer nos ensinar algo sobre a vida. Morrer é perder as cores. O desaparecimento dos desenhos deixou-me triste. Convenci Pierre a não fazer mais aquele caminho. “Melhor fixar na lembrança”. Escrevi na redação. Dona Laura, a professora de português, queria saber de onde eu havia tirado a frase. Imbecil! Desculpem-me, agora não deu. Só pensei. Não podíamos escrever com elegância e criatividade? A leitura facilitou-me a frase. A professora do ano anterior, dona Vilma, era mais sensível. Não agiria de modo tão grosseiro. Estimulava-nos a brincar com as palavras e as idéias. Percebia meu interesse pessoal pelos sentidos ocultos das frases.

Meus pais estranharam quando pedi um livro do Paul Klee de presente de aniversário. Minha mãe, por desconhecimento; meu pai, pela qualidade do pedido. Compraram. Nunca me negaram um livro, se

bem que a maioria eu pegava da biblioteca de meu pai. A estranheza ficou no ar, eu sentia. Quando me flagrou lendo Kafka, papai não se conteve: Por que não lê um livro mais próprio para sua idade? Apesar da profissão, agia como um pai, queria proteger a filha das desgraças humanas. Você quer um texto mais atual que *Metamorfose*? Melhor do que ler textos que nos tratam como imbecis. Intermináveis histórias de amor, transas e shopping center. Não me considero um soldadinho de lata vazia, serviçal dos interesses de consumo... Quis dizer, mas não disse.

Estranhando ou não, meus pais desejam o melhor para mim. São legais, reconheço. Melhores, por exemplo, que os pais de Ana que vivem metidos na igreja e são muito rígidos. Seu Adolfo, o pai, vive enfurnado em um terno cheirando a mofo, a bíblia de capa preta esgarçada apoiada no sovaco. Um fanatismo cego. Leva alguns símbolos na lapela do paletó. Nenhum amigo de Ana gosta de freqüentar sua casa, até ela se sente incomodada, querem converter todas as pessoas para seus credos.

Mal sabem eles... Na primeira esquina, Ana levanta a saia enrolando a cintura e guarda o sutiã na mochila. Adora batom vermelho. Acho que ela está um pouco perdida. Viver assim, agindo por pirraça, não me parece legal. Mas seus pais não lhe deixam outra alternativa. Como conversar com pessoas que querem nos prender em suas

verdades? Nós podemos recusar ir à casa de Ana, mas ela não tem escolha, pelo menos no momento.

Acho que ninguém na escola conhece Ana de verdade. Sou eu quem mais convive com ela. Vez ou outra, ela me conta sonhos e segredos. Mas não arrisco dizer nada a ninguém. Estamos em lugares opostos. Talvez isto nos permita ver o outro lado... Difícil deve ser o equilíbrio.

Ana tem lá seu lado obscuro. Tive essa impressão pelo sonho que ela me segredou. Um salão enorme, com quatro colunas e um vaso de porcelana no centro. Imaginei grandes janelas que deixavam ventar as cortinas no vazio. Acho que estou roubando algo do Quintana. Meu pai tem toda a obra dele. Eu adoro poesia. Flores champanhe... O sonho de Ana aproximou de mim algumas idéias estranhas. Sensações boas. Mas não sei descrevê-las... É o lado bom de Ana, disso não tenho dúvida.

MISTÉRIOS INVISÍVEIS QUE BROTAM JUNTO AO SEIO

Vai estudar ou passear em Marte? Jonathan brincando comigo. Voltava para pegar a pasta que havia esquecido. Que sensação mais estranha. O que tem sua bunda para provocar isso? Pela primeira vez prestava atenção nessa parte dele, nos cabelos negros e ondulados, no nariz um pouco arrebitado. Os lábios carnosos, a boca pequena para o rosto. Que sensação nova seria esta? Vontade de ficar ao seu lado, dizer qualquer coisa. Conversaria sobre o trabalho. Jonathan enxerga mais longe que todos, não deixa escapar nada, tenta de todos os modos sensibilizar os colegas para a realidade. Nunca perguntei se tem namorada. Estou mais para Marte, respondi.

Quando saiu, percebi que havia riscado uma página em branco. Engraçado, depois que vi os desenhos de Paul Klee não deixo uma folha sem rabisco. A curiosidade se avoluma, estou cada vez mais abelhuda. Não dou a mínima para o que a professora diz dele. Quando fico com raiva dela, puxo a imagem dos desenhos do Klee. Copiei na capa *O Anjo com o Guizo*. Veja você mesmo. Acho que foi o dia em que o Klee deu um pontapé no traseiro de alguma professora chata. Todo adolescente deveria ver esse desenho de Klee.

No quarto, além dos bichos de pelúcia, tenho o livro com suas obras. Bem melhor que o mundo dos adultos. Ver os mesmos jornais todos os dias, a desgraça repetitiva, o estímulo ao consumo. Adianta alguma coisa? A omissão planta uma armadilha em cada esquina. Não se sai na rua à noite, vive-se cercado de seguranças... O que construíram para nós? Miséria, pobreza, desonestidade, individualismo... Eu gosto do meu quarto. Prefiro estar nele ou aqui na garagem, pintando. Todos os meus mistérios estão nesses dois lugares. Mistérios invisíveis que brotam junto ao seio, olhar e cheiro.

OS PAIS SEMPRE CHEGAM ATRASADOS

Eu e Pierre não somos os mesmos desde que começamos a pintar na garagem de minha casa. Nem falar de Ana ele fala mais. Estranhamente, ela passou a demonstrar um certo interesse pelo Pierre. Acho que ele descobriu o modo de conquistá-la, mesmo não percebendo. Nosso segredo nos uniu ainda mais. Todas as tardes, Pierre e eu mergulhamos nas cores e nas imagens. Estamos participando de algumas oficinas de pintura contemporânea e nos inscrevemos no curso de estudo da arte no SESC.

Minha mãe reclamou, disse que não tinha nascido para motorista particular. Não ligamos, aprendemos a pegar ônibus e metrô. Não faz mal a ninguém andar um pouco, além do mais, esta é uma forma de ficarmos cara-a-cara com o povo na rua. A tal da globalização acelera passos e cria olheiras. Não é à toa que o índice de suicídio aumenta, ouvi outro dia na TV. Se bandido não mata, o excesso de trabalho o faz. É sobreviver ou sobreviver. Não se vê alegria nos rostos. É a escravidão que vem com outro nome.

As tintas tranquilizavam-me. Até o preparo das aulas ficou melhor, minha irritação diminuiu, Pierre disse que estamos mais sociáveis. É bom tê-lo como amigo. Conversamos sobre qualquer coisa,

não há mais reservas entre nós. Contou-me um dia desses da vergonha que passou com a mãe quando ela viu o lençol de sua cama todo molhado. Está ficando mocinho, disse-lhe, sorrindo. A intenção dela foi das melhores, mas o deixou na maior deprê. Nesse dia, Pierre não queria voltar para casa. Até em suicídio falou. Imaginem! Às vezes é melhor morrer mesmo, disse-lhe, sem muita convicção.

Interrompi nosso silêncio perguntando se gostava de Bach. Não respondeu, perdido que estava na tela. Ia lhe dizer que, ao ouvir a música de Bach, sentia algo semelhante ao que se passou ao ver Jonathan. Estaria gostando dele? Resolvi abrir. O que você acha do Jonathan, Pierre? Um pouquinho arrogante, não acha? Mas tem muitas qualidades, Silvinha. Veja que ele está sempre pronto a nos socorrer, não abre mão de seus princípios por nada, não negocia com a direção da escola, se expõe sem medo... Espera lá, não vai me dizer que está interessada nele. Acho que sim, Pierre. Sobrou um sorriso no rosto de Pierre, fez uma graça qualquer e voltou ao quadro.

Na garagem tudo se passa como se as tintas e a música aprisionassem nossos medos. Soube outro dia que o pai conversara com Pierre. Pediu desculpas pela mãe e conversou sobre a normalidade do ocorrido. Pierre disse que segurou para não rir. Os pais sempre chegam atrasados.

Veja o pai de André, juiz federal, está cego aos vícios do filho. O cara engoliu a desculpa mais imbecil ao descobrir maconha e pó na

mochila do filho. André fez papel de vítima. Disse-lhe ter sido obrigado a levar a droga para não apanhar. Fosse o caso, jogaria a porcaria no primeiro bueiro, não chegaria em casa com ela, é o que qualquer um faria. Essa possibilidade não passou pela cabeça do pai de André que pôs a mentira goela abaixo. Quis engolir, é verdade. Enganar-se. E o menino cada vez mais viciado, refugiando-se nos cantos e nas praças, o aproveitamento escolar indo de mal a pior. O cego do pai ainda foi reclamar com o diretor da escola que lhe chamou a atenção para o péssimo desempenho do filho, mas não teve coragem de tocar no assunto, não disse sobre o vício de André.

No fundo, tenho pena dos olhos perdidos do André. Sempre distraído, o raciocínio lento, os professores tendo que repetir as perguntas e suas notas despencando. Todos nós tentamos ajudá-lo, mas ele está naquele ponto que não tem saída. Soube, dia desses, que anda rasurando o boletim para a família não descobrir. Não é só ele, seu grupo todo. Três meninas e quatro meninos. Desconfio que estão roubando toca-fitas de carros, aumentou muito esse tipo de ação próximo da escola.

O tempo gira, eles sentados em roda, puxando fumo a tarde toda; agora, também à noite. Se quisesse estaria nessa, oportunidades não faltaram. Não vou dizer que um dia não vou experimentar... É confuso. A pressão é grande. Já começam a perguntar quando eu vou deixar de ser virgem. Depois do que senti pelo Jonathan, acho que está próximo,

mas não faço as coisas pelo simples motivo de me cobrarem. Parece que ser adolescente passa por uma necessidade de provar e transgredir. Para mim não basta.

O grupo de André está cada vez mais isolado, as caras estão esquisitas, não sei se já não está correndo droga pesada, outro dia o vi com olho esbugalhado, achei que em alguns momentos delirava. Se tivesse certeza de que não me tornaria um deles... Quem garante? Achei melhor ficar na minha, domar a vontade. Mamãe não controla a dela, veja no que deu, pesada. Sinto dó de todos eles. É triste sentir pena de alguém, mas são meus amigos desde a infância, estudamos juntos, brincamos juntos, freqüentaram minha casa...

Pierre vive chamando minha atenção para essas preocupações externas. Sou um pouco boba, sei disso, mas não gosto de vê-los consumidos pelas drogas. Às vezes, sinto vontade de fazer psicologia, tentar descobrir o motivo de ficarem assim, dependentes, de não conseguirem enfrentar a vida sem utilizar desses artifícios. Ficam mais valentes, arriscam mais... E daí?!

Jonathan riu quando lhe disse que faria psicologia com esse objetivo. Argumentou que a única solução seria prender os chefões do tráfico, o que não seria tarefa fácil, para ele estão em todos os níveis do poder, em cargos de importância, foram ocupando os espaços aos poucos. E tem o problema do álcool que é muito mais grave, apenas o preconceito é menor, sei disso, admitem usuários de álcool e segregam

os de maconha e cocaína. Qual a lógica? O álcool também desintegra, nós mesmos temos vários colegas em situação pior que a de André, vítimas do álcool. Ufa! Que foi, Sílvia? Não dá, Jô, melhor deixar como está, pensei que dependesse só de nossa vontade, mas o problema é mais fundo... A sociedade está doente.

IMAGINEM SE KLEE FOSSE ALUNO DE DONA DALVA

André pinta muito bem. Adora desenhos em quadrinhos. Se a míope visse a caricatura que ele fez dela... Mas parece que alguns professores vieram apenas para nos dizer que não temos identidade. Imaginem se Klee fosse aluno de dona Dalva... Não dá nem pra pensar. Adulto acha que a gente não pensa e não sente. Pior quando acredita que pode nos compreender...

Entre estudar e me drogar, prefiro os pincéis. Afinal, estudar para quê? Meu pai vive reclamando da vida. Minha mãe, quando ele sai, diz que a pior coisa que fez foi ter-se casado. E nós? Se a infelicidade é tamanha, por que nos impor o mesmo destino, as mesmas farsas e as mesmas mentiras?

Parece-me que perderam os sonhos. Exceção? O professor de história, o filósofo e... Como está difícil. O mundo está fragmentado. Espelho quebrado, cheio de reflexos, sombras, estatísticas. Igual aos quadros que vi na casa do Marcos, da 3^a D. Sua mãe é pintora, descobrimos por acaso, seus traços têm muito a ver com o vazio dos adultos. Descobriu nosso gosto e nos dá dicas técnicas. Tem uma coleção que se chama Urbanos, a cidade em névoa, dos prédios e avenidas, vemos apenas as linhas.

ACHO QUE O CACHORRO É NOSSO PRIMEIRO HOMEM

Ana brincava, mas não sentia nada. Confidenciou-me, lá atrás, quando falava de seu sonho. Eu não estava preparada para ouvir nem para falar. Escrever, então, nem pensar. É outra coisa que devemos aprender ao crescer. Existem coisas que só devem ser ditas quando sentimos segurança. É lógico que agora já sinto. O desenho dizia...

É estranho falar que o desenho ‘dizia’. Paula Rego fez-me perceber. Não a pintora em carne e osso, mas sua arte. Está aí outra artista que todo adolescente deveria conhecer. Eu já acordei várias vezes fada azul como desenha a artista. O garoto retesado e nu, cheio de medo, na frente da fada... Deu-me impressão de ver Pierre na frente de Ana. Todo duro... Fada ou bruxa?

Cenário de sonho. Os quadros de Paula têm algo de menina querer ser menino. Eu também, às vezes, me sinto assim. Já confessei. Menino tem mais regalia... Pelo menos se não tiver uma mãe controladora como a do Ademir, promotora. Não entendia os palavrões que ele desaguava antes de desaparecer. Encontrei-o diversas vezes escondido no jardim, entre os arbustos, de cócoras. Refúgio de criança, encolhido como um tatuzinho. Enfrentasse, receberia uma pena que poderia variar do castigo físico ao moral. Tratado como um réu. Exagero? Não, o que

conto são coisas vividas por mim. Tudo isso está ocorrendo à nossa volta. Fugir das enormes bocas dos adultos, das mordeduras de pais compulsivos, inseguros e sem vida própria é o destino de muitos amigos meus.

A fada azul também é uma bruxa de azul, somente assim somos inteiros. Disse a meus pais um dia desses, quando cobraram a sujeira na garagem. Todos temos um monstro interior. Estas idéias deixam minha mãe muito preocupada. Cismou que preciso de um psicólogo. Ser diferente é suficiente para me achar doente. Estranha verdade.

Eu e Pierre criamos um mundo próprio. Não entendem e nunca entenderão. Não é culpa deles... Estão sempre a dizer da escola que tiveram, da educação rígida, do uniforme único, todos enfileirados, em paliçada, em marcha militar. Casavam, procriavam e morriam. Também quero filhos, mas ao meu modo, não é por ser mulher que não vou brigar pela minha fatia de vida.

Afinal, por que falo disso tudo? Ah, sim, falava do orgasmo de Ana. Onde fui parar... A imagem da criança levantando a saia para o cão cheirar seu sexo no quadro de Paula Rego lembrou-me que fiz a mesma coisa. E o que senti foi gozo. Ana, apesar de todas as bolinações, ainda não descobriu o orgasmo. Palavra difícil. Aprendi com ela.

Aos poucos, compreenderei o que senti pelo Jonathan. Pelo menos, já consigo pensar sobre o que me toca de verdade...

NÃO QUERO MEUS DIAS COMO BONECAS RUSSAS

ENFILEIRADAS

Estou deixando de me comparar às outras meninas. Um pouco já consigo me ver. Gosto de meus cabelos acastanhados e escorridos. Meus seios não vão ser grandes, mas são simétricos, têm os bicos ligeiramente róseos. Prefiro-os assim, combinam mais com meu corpo. As sobrancelhas cheias quase se encontram no centro. Andei observando as de meu pai. São iguais. Sou um pouco elétrica, todos dizem e eu sei muito bem disso. Agrada-me tocar o que me faz diferente dos outros.

Da nudez à peça de roupa escolhida, o espelho passou a ser meu conselheiro. Visto-me não para as outras meninas, nem para os meninos, mas para mim mesma. Não quero meus dias como bonecas russas enfileiradas, uma após a outra, sem diferenças. Vejo os adultos em minha volta um pouco assim, repetitivos. Até alguns colegas já caminham do mesmo modo. Outros vivem enfiados no computador. Amizades e namoros virtuais. Uso o computador para os afazeres. Não vou dizer que não brinco na internet, mas sem compulsão. Nada de esquecer a vida, diminuir a angústia do que nos espera. O mundo está mais para uma guerra do que para um circo ou um shopping center. Os

miseráveis caminham sem rumo ou esperança... Lambendo pratos vazios de significados.

A ESCOLA FEZ COM QUE PERDESSEM SUAS LINGUAGENS

Paula Rego, eu conheci quando meus pais voltaram de Portugal. Trouxeram um livro dela. Amei na hora. Está ao lado do Klee. Não vejo o momento de terminar os estudos. Já decidi o que fazer: artes plásticas. Meu pai não gostou muito da idéia. Talvez por eu ser mulher. Não importa. Começo a descobrir minha linguagem. Vou lutar o quanto for preciso para conseguir alcançar meu objetivo. Pierre também descobriu a dele, será arquiteto. É exigente, quer a FAU.

É bom saber o que gostamos de fazer. A maioria de meus amigos não sabe. Mesmo os que estão no cursinho. Foram amordaçados e não percebem. A escola roubou-lhes a criatividade e o poder de decisão. Muitos ex-alunos abandonam o curso que escolheram, não percebem a falha brutal da estrutura de ensino, perambulam de curso em curso, muitos nem chegam a descobrir a que vieram. Por que repetir com os filhos os mesmos erros?

Sinto-me amadurecida. Isto é bom, dá uma sensação gostosa de estar em brotamento. As coisas estão acontecendo meio ao acaso. O fato mais engraçado que me aconteceu ultimamente foi ir a um ensaio. O pai de Guilherme, este você ainda não conhece, é psiquiatra e tem um grupo amador de teatro. Ensaivavam um tal de Beckett. Pouco importa o nome.

Mais um sujeito a me surpreender, uma fala repetitiva que me deixou arrepiada.

Bach, Klee, Paula Rego e agora Beckett. Haveria algo em comum entre esses artistas? Leiam comigo:

“À luz do dia. Ao ruído de ressurreição. Que pensamentos, quem sabe. Pensamentos não, não pensamentos. Abismos de consciência. Abismados em sabe-se lá que abismos de consciência. De inconsciência. Lá onde nenhuma luz pode chegar. Nenhum ruído... Assim ficaram sentados, como se fossem de pedra. A triste história uma última vez redita”.

Achei o texto muito difícil, mas me tocou... Hoje acredito mais no que roça minha alma, mexe comigo. O pai de Guilherme deu-me uma cópia. Está na escrivaninha do quarto. Leio todos os dias. Sempre descubro algo a mais. Ler as coisas que entram facilmente não tem graça, para mim o texto deve provocar, ser instigante. Não gosto de leituras que nada exigem de nós. O autor tem que desafiar, nem que seja de leve, nossa capacidade de pensar. De não pensantes o mundo está cheio.

O que posso fazer... Sou assim. Tudo que está muito claro irrita-me. Não pense você que eu não abro uma revista ou um gibi, muito pelo contrário, mas não dá para ficar em conhecimento tão raso. Quando quero tapear o tempo, assisto às novelas. Entra por um ouvido e sai pelo outro. O olho não chega a fixar. Sem preconceito, tá! Minha mãe

adora novelas. Ela vê a própria vida passar na telinha sem se aperceber disso. Mas a minha vida não é aquilo, nem eu quero que seja. Meu pai, não. Tem na prateleira Graciliano Ramos, Kafka, Camus...

No dia do ensaio, um pouco inibida, perguntei ao pai do Guilherme se a professora de português compreenderia um texto escrito daquele modo. Disse-me que se aquela fosse minha forma de expressão não custaria tentar. O máximo que pode acontecer, disse-me, é não aceitar. Mas e daí? Devemos fazer as coisas para nós, não é mesmo? Entendi. Arriscaria na primeira oportunidade. E ela não demorou muito para chegar, haveria uma gincana sem riscos de perder nota, a melhor redação ganharia um ponto na média. É outra coisa que estou aprendendo, decidir pesando os riscos.

Fiz uma redação bem estranha, no estilo de Beckett. A mestra não entendeu nada. O que aconteceu com você? Sempre escreveu ótimas redações. Agora isso? Está com algum problema em casa? Será que percebeu o sarcasmo de meu sorriso? Ela gostava de texto linear. Para mim foi legal poder escrever a meu modo pelo menos uma vez. Vou deixar registrado para você avaliar. Eu escrevi a redação ouvindo Rita Lee. Dei para escrever ouvindo música como meu pai faz. O tema era Adolescência.

A REDAÇÃO

Desenrolo o presente e me enrosco na casa. Sou a loucura enrolada no papel. Ando, não andando. Sou louca, segredo e medo. Pergunta. Desenrolo a pergunta e não há presente. Nasci para receber o papel, o retorno, o enrosco. Andar por quê? Mudança não é permitida. Quero ar. Aproar. Não nasci. Desenrolo um nascer qualquer e menstruo. Desço pelas pernas até uma ruína qualquer. Suspende... Ruídos de pratos e jardim da Babilônia. Mulher presente-enrosco. Mãe. Desenrolo a mãe e me enrosco na casca. Casco de navio sem proa. Só passado. Sou a louca em andador. Nasci não nascendo sem ar. Ar(po)ar. O louco desenrolado do presente. Retorno do medo. Da pergunta sem passado ou futuro. Sempre presente. Não é certo fumar e cheirar porque todos fumam e cheiram. Ruídos ruidosos do sem-saber. Desenrolo da casa e me enrosco no presente. Sou a ovelha negra enrolada em papel. Proa lançada na vida. Não nascendo, nasci. Ouço mais ouvindo Rita Lee. Sem saber de ruidosos segredos e medos. Desenrolo o papel e descubro sangue. Sou o amor, morte, vampiro. Descendo pelas portas da dor. Menstruação azul de perguntas sem respostas. Sou a loucura desnuda no metrô. Água na boca das fantasias. Enrolar papéis de negra ovelha expulsa do paraíso.

Desenrolo as fantasias e me enrosco em quem sou sem ser nada além de máscaras. Andando sem andas em pecados descendo. Desenrolar noites e me enroscar no vento. Sou o ar que agita papel e loucura. Nasci para não ser o porquê. Só sangue de índio. Desenrolo a esperança e acredito em Deus. Sou criança com estilingue apontado no olho do horizonte. Bailo, bailo, bailo... É meu esconderijo. Desenrolo a mãe e descubro ser brotamento. Onde a crença? O pajé da tribo no metrô Paraíso. Enrosco-me no ritmo e me queimo no calor do motivo. Desenrolo o auê e descubro a cabeça que não tendo tinha. Sou a praga enrolada na casca do presente. Sou loucura em anéis. Circulo não circulando em espiral. Motivo. Desenrolar o motivo vazio de razão e... nada. Descer pelas veias do útero. Um fato comum expulso ciclicamente. Desenrolar a palavra e ser lança-perfume. Apressado tempo passado com cheiro de coisa maluca. Abrir o presente e ver vida cicuta. Sou a tortura nem lixo nem luxo enrolada na cara, fala e cheiro. Desenrolar o enrolado e descobrir que nasci para chupar dropes de anis.

O RECOLHIMENTO

Não percebi que havia escurecido. Nem Pierre. O Bani ficou preso esse tempo todo. Amanhã vou dar uma volta com ele para compensar. Fique para jantar, Pierre. Não, Sílvia. Preciso voltar, prometi a minha mãe que jantaria com eles, meu pai está fazendo cinquenta anos. Está ficando legal seu quadro, gosto da liberdade de seus traços, do uso da aquarela e do acrílico ao mesmo tempo. Acho que está bom, Sílvia. E o seu? Muito laranja. É o amor que está chegando. Pare com isso, Pierre. Vamos arrumar as coisas, daqui a pouca minha mãe me chamará para jantar.

O que você acha de irmos ao cinema amanhã? É uma boa idéia, Pierre, o que está passando? Não sei, a gente vê na hora. Você liga para o Jonathan, Pierre; eu aviso a Dirce. Combinado, então. Da garagem à porta da sala existe um corredor formado por azaléias. A luz do escritório está acesa, meu pai ainda está lá, mas já não trabalha, não há música. A mesa está posta. Vamos comer, Silvinha. Vou lavar as mãos. Por que não desiste de ficar mexendo nessas tintas? Elas só servem para manchar a roupa. Por isso coloquei a camiseta e a calça velhas, mãe. Dá trabalho do mesmo jeito. Não é você quem lava! Malcriada!

Mesa farta, até em excesso. Dois tipos de carne, salada e massa. Fora o que beliscou enquanto preparava, encheu o prato. Não sei como

minha mãe consegue comer tanto. Pegou-me para lavar os pratos, tinha dado folga à empregada. Ignorei a televisão. Sentia-me cansada. Depois do jantar fui direto para meu quarto. Mais um banho. Noite de lua-cheia, o céu na minha janela, dava para pegar as estrelas com as mãos. Coloquei um pijama bem leve. Peguei o material de estudo. Imaginar que mataram um pobre estudante de dezoito anos que engraxava sapatos para sobreviver e fazia o supletivo, um tiro no peito disparado pela PM. Sessenta e oito explodiu com a morte de um menino de dezoito. Depois, morreram mais nove. Uma nuvem negra cobriu o país por mais de dez anos.

Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Zé Celso já utilizavam uma linguagem fragmentada. Deviam conhecer a obra de Beckett. O grupo tinha uma preocupação pelo social, retratava a realidade ao redor, mesmo quando a censura apertou o cerco. Quem não ouviu Tropicália, um hino da época: *Sobre a cabeça os aviões/ sob meus pés os canhões/ aponta contra os chapadões/ meu nariz/ eu organizo o movimento/ eu oriento o carnaval/ eu inauguro o monumento/ no planalto central.../ o monumento não tem porta/ a entrada é uma rua estreita e torta/ e no joelho uma criança sorridente feia e morta/ estende a mão...*

Quando não há mais como dizer, ainda temos o silêncio ou a metáfora, é o que nos ensinaram e ensinam esses artistas.

Vou ligar para Dirce e depois dormir. De janela aberta! Deixarei os sonhos livres, vindos do céu... Que minha mãe não saiba de minha repentina descoberta...

A CONSULTA COM A GINECOLOGISTA

O domingo está mais quente ainda. Estou feliz. Meus pais perceberam logo cedo. Pouco me importa se à minha volta tudo vai de mal a pior. Pelo caminhar dos fatos, falta muito pouco para Ana, caso não assuma a profissão de modelo, engravidar. Arrisca cada vez mais. Disse-me que sem camisinha consegue ter um pouco de orgasmo. Alertei-a para os riscos. Acho que nunca vou aprender. O que tenho a ver se ela está cada vez mais irresponsável? Vou aproveitar a maré para terminar meu quadro. Assim o tempo passa mais depressa.

Vou atenuar um pouco a cor laranja. Com menos calor ficará melhor. Quanto à gravidez, é o que está acontecendo com muitas meninas. Jovens e com filho. Os avós assumem a maternidade. Os meninos não estão nem aí. Também, assumir como? Apesar de não conversar sobre esses assuntos em casa, minha mãe percebeu o corrimento e marcou consulta com uma ginecologista. Devo reconhecer que me respeitam. A profissional é especializada em adolescência.

Como a escolha foi de minha mãe, aguardei na recepção da clínica preocupada com o que poderia encontrar. E se fosse careta? Mas não, além de simpática, abriu logo o jogo. Conversamos sobre concepção, orgasmo, doenças venéreas etc. Ana estava certa quanto ao

diagnóstico do corrimento. Minha mãe não gostou do tratamento. A médica pediu que ela saísse e só retornasse no final da consulta. Quando saí, fez-me um montão de perguntas. Desviei-me de todas, não estragaria uma relação profissional que respeitou meu direito de adolescente. Graças à médica, sei um pouco mais de prevenção de AIDS e outras doenças. Deixou-me a opção de usar uma pílula quando quisesse. Camisinha não dá proteção total. De algumas coisas já sabia. Não sou boba. Leio o que cai em minha mão.

Não me acho amadurecida para transar. Ficar, tudo bem! Disse isso à médica. Explicou-me que cada um tem o momento certo e que devemos respeitá-lo, que ter uma relação sexual simplesmente para dizer que não é mais virgem não leva a nada, pode até atrapalhar. Será que Jonathan compreenderá? Podemos brincar de outros modos, até me sentir mais segura.

MEUS COLEGAS ARRASTAM-SE COMO LESMAS

O problema não é somente a gravidez precoce. Meus colegas viciados arrastam-se no curso como lesmas. Alguns se foram. Não gosto de falar da morte. Perdi alguns amigos próximos. Excesso de droga e AIDS. Há poucos dias, morreu um aluno do terceiro ano. Usava todas. Em pouco mais de um ano, ninguém mais reconhecia o garoto de olhos azuis e corpo atlético. Ficaram alguns respingos. Há um silêncio murmurante na escola. Algumas amigas carregam o peso de terem transado com ele sem proteção. Depois que o ladrão entrou, não adianta fechadura na porta. O ditado é velho, assim dizia minha avó. Provavelmente, aprendeu com a tataravó.

De que adiantam as propagandas de esclarecimento se depois da primeira picada perde-se a razão? Somos bombardeados por palestras, reportagens etc. Outro dia foi um policial na escola falar sobre drogas. Pura hipocrisia, parte da polícia dá proteção aos traficantes. Ficou bravo quando perguntei. Não são todos, respondeu. Culpam o baixo salário. Concordo em parte. Na verdade, são os valores que desapareceram. Quisessem resolver... Sabemos quem vende e distribui. Todo adolescente sabe. Por que a polícia não? Deviam nos oferecer outras opções para preencher o vazio e a falta de esperança... Algo mais construtivo para podermos lutar.

Sentimos muito medo e precisamos de meios para extravasar. Pelo menos até estarmos mais amadurecidos. O que os pais e os professores oferecem? Acomodam-se e nos deixam o pânico. Comportamento de guerra. Precisamos de limites, é lógico. Mas não da postura burra do pai de Ana ou de André. Estamos sozinhos... Enquanto não acontece, melhor nos cuidarmos...

CHOROS PERDIDOS NOS CANTOS

Foi Pierre que nos deu a notícia. Morreu mais um... Dor e ódio. A mesma raiva que senti de meus pais quando morreu meu avô. Só percebi a morte dele pelo silêncio e choros perdidos nos cantos. Criança não sente. Assim devem pensar os adultos. Desinteressei-me por tudo. Não via graça em mais nada. A média foi lá para baixo. Quase perdi o ano. Para mim ele partiu e esqueceu de voltar. Não o vi morto.

O Márcio eu encarei. Seu pai, deputado, descobriu o vício do filho e deu cobertura às maluquices dele. Habitado a corromper, não conseguiu fazê-lo com a morte. Fui ao velório. A tatuagem de uma ave no pescoço. Todos desejam o couro marcado. Agora, desapareceria. Ninguém é imortal. Os pais acreditam ter feito o melhor. Também não têm culpa. Estão tão perdidos quanto nós. Alguém precisaria parar o relógio do tempo.

O grupo da droga alienou-se mais após a morte do parceiro. Não apareceram no velório. Devem estar pegando cogumelos nos campos. É a moda, não custa nada. Assistirão à morte de outro modo, vivenciando corpos lacerados e gosmentos. Era o que diziam ver. Alucinação cheia de sofrimento, medo e dor. Solitários sonhos de perda. A solidão parece estar em todo lugar, mesmo nas lojas em liquidação. Mas parecem

negar. Na família também. De outro jeito, é certo. Toda vez que parte alguém na família, a vida pára; mas somente por algumas semanas, depois todos voltam aos seus vícios diários. A rotina de um cartão-de-ponto invisível.

Lembro-me do Márcio com onze anos, zanzando pela cidade enquanto a mãe encontrava as amigas e o pai viajava para a firma. Na escola, nunca os vi. O filho mais parecia um apêndice inflamado. Nanico, nos chamava de caretas. Veja no que deu. Tenho alguns amigos usuários, mas o preço é caro para aqueles que não conseguem ter o controle. Não adianta nos defendermos criticando os vícios dos adultos. Que importa se fumam, bebem, são fanáticos pelo trabalho e têm tantos outros pequenos vícios tão destrutivos quanto a droga? É nossa a vida que está em jogo. Por pirraça, é a nós que destruímos. Quanto mais cedo acordarmos para nossa verdade, mais próximos estaremos de um destino construído com idéias próprias.

Não desejo para mim um rótulo ou a indiferença. A maioria de meus conhecidos segue na vida por inércia. Muitos seguem as profissões mais rendosas. Criticam tanto os pais e seguem o mesmo caminho. A palavra de ordem é segurança. Como consegui-la se não nos conhecermos? Morremos de vários modos. Com a morte de Márcio, percebi o luto na pintura. Passei a usar cores mais escuras. Mas não quero pensar nisso. Eu quero é viver. Namorar Jonathan... Pierre está comigo em todos os lugares. Jonathan não ligará, sabe da paixão de meu

amigo por Ana. Amor impossível. Em casa, apostam em minha união com Pierre. Nada sabem sobre meus interesses. Pierre é esse amigo estranhamente desenhado no quadro que acabo de terminar.

O PREPARO PARA O ENCONTRO

Pela primeira vez, pintei controlando a hora. Não vejo o momento de encontrá-los. No céu, muitos flocos esparsos de nuvens brancas. Algumas mais escurecidas prenunciam pancadas de verão. Desde que não atrapalhe o passeio, será bom para refrescar o corpo. A janela do escritório já está aberta. O som hoje é, ao mesmo tempo, triste e apaixonado. Sibelius. Como sei? Ouvindo desde criança. Piano, violoncelo e violino. Gostaria de abraçar Jonathan com essa música. Sair dançando. Estou me descobrindo uma romântica. Na cozinha, um silêncio sepulcral. Aos domingos, minha mãe acorda tarde, com olheiras enormes, fica na televisão até tarde.

Vamos lá Bani, vá brincar no quintal! O bicho sai acelerado focinhando cada canto, farejou algo diferente, segue uma trilha tortuosa até a árvore. No chão algumas cascas de ovos de pássaros. Algum animal fez a festa na madrugada. A mata ao lado manteve algumas espécies selvagens. Já tentaram construir um prédio no local, mas o terreno pertence ao município. Serve também para os meninos esconderem-se para usar drogas. Deixo o animal remarcando território. Não podia deixá-lo entrar em casa, urinaria em todos os móveis.

Aprendeu a abrir a geladeira. Se alguém dormir no ponto, não consegue mais tirá-lo de casa, a não ser com comida.

Descalça e com passos leves, para não acordar mamãe, volto ao meu quarto. Quando é importunada no sono, seu mau humor contamina. Não quero ver meu dia incomodado com nada. Banho, perfume... Que roupa colocar. A calcinha nova, onde está? Dizem que dá sorte no primeiro encontro. Ainda bem que comprei um sutiã, desses novos, que deixam os peitos mais bojudos. A saia cinza está bem. Vamos ver, a camisa vermelha... Legal. O echarpe no pescoço completa. Cai sobre os seios. Ainda bem que cortei os cabelos. Lisos e escorridos, uma franja discreta na testa. Mamãe achou que fiquei com cara de menino. Eu gostei. A unha não tem jeito, a pintura estraga um pouco as mãos. Bijuteria no pescoço e nas orelhas. A meia, o sapato... Pronto. Está bom. Ao espelho posso dizer, ele não grava meus pensamentos. Espero que Jonathan goste.

Aonde você vai? Acordou, um penhoar até o tornozelo, flagrou-me no corredor. Ao cinema, respondi. Assim? O que quer dizer? Nunca a vi tão bem arrumada e perfumada. Não respondi. Veja lá, menina! Pegou o dinheiro e os documentos? Sim! Quem vai te levar? Combinei com o papai. E a volta? Volto com os pais de Pierre. Desci as escadas sem me preocupar com o barulho, entrei no escritório. Meu pai sorriu ao me ver, mas não disse nada. Pegue a chave, Sílvia. O que está ouvindo? perguntei, Quarteto de cordas em D maior de Sibelius. É

triste, disse-lhe. Um pouco, é verdade, me ajuda a escrever os artigos para o jornal. Então, mocinha... Vamos!

Saímos pelos fundos. Sentei com cuidado para não amarrotar a roupa. Na favela, as crianças brincavam de corda. Os homens jogavam bilhar nos bares, que eram muitos. As mulheres também colocavam a melhor roupa no domingo. A fantasia acompanha o homem na riqueza e na miséria; na paz e na guerra. Lembrei-me da conversa que tive com meu pai. No tempo dele, próximo ao pontilhão da ferrovia que atravessa o Tietê, existia uma pequena favela, onde viviam miseráveis vindos do nordeste. Lá ficavam até arrumar emprego. Enquanto não se arranjavam, iam de casa em casa pedindo comida. Vez outra, eles conseguiam alimento em troca de pequenos serviços, como lavar louça ou encerar a casa. Quase nada de violência. Bem diferente do que vemos hoje. Tudo se agravou. O que se vê é uma cidade de barracos assobradados e esgoto correndo a céu aberto ocupando cada vez mais a metrópole. Prometi que não ia me contaminar... Dia desses, enquanto pintávamos, Pierre alertou-me para a profundidade de meus textos. Influência das leituras? Também, respondi-lhe. Meu olhar enxerga demais, não cabe na minha idade. Somente uma doida para ter as preferências que eu tenho. Única opinião de minha mãe que não questiono. Depois que Jonathan publicou minha redação no jornal da escola, todos me chamam de anarquista. Pelo menos entenderam o espírito do texto.

Que se dane! Eu preciso deixar de lado minhas preocupações e me dedicar a Jonathan. Dizem que no amor somos egoístas. Estou percebendo que é verdade. Vou abrir o jogo com ele. E se me der o fora? Não percebi nenhum interesse dele em mim. Mas, que eu saiba, ele não tem namorada. Chegamos... Não havia percebido. Dei um beijo em papai e saí. Precisa de dinheiro? Não, tenho da mesada. Cuide-se, qualquer problema ligue, estaremos em casa. Combinamos o encontro em frente do cinema. Como está cheio! A multidão se acotovela, histérica, ansiedade para comprar. Já chegaram. Jonathan também se arrumou. Dirce e Pierre não se preocuparam muito com a aparência.

O PAI DE JONATHAN

A bruxa de azul sentada na poltrona... As nuvens escondendo a lua. Hoje terei minhas próprias estrelas no sonho. O livro de Paula Rego e o sono. Foi a melhor tarde que passei em minha vida. Como não estava passando nenhum filme que agradasse, perambulamos pelo shopping, ouvimos CD e fuçamos os livros na mega. Um mundo imaginário dentro de um mundo real, disse em determinado momento a Jonathan. Lembro-me bem do que disse: É o Pra Frente Brasil aqui dentro e o peso do FMI lá fora. Vamos esquecer, Jonathan. Não seria aconselhável me abrir naquele momento. Sorte ter Pierre ao meu lado. Vendo meu embaraço, assumiu a dianteira. Jonathan, você leu o texto da Sílvia? Claro, até publiquei no jornal do grêmio. Vocês não viram? Também mostrei para meu pai. Você fez isso, perguntei-lhe? Por que não, meu pai gosta de literatura, falou pegando na minha mão. Uma estranha umidade esfriou-me entre as coxas.

Meu namoro com Jonathan começa assim, um pouco intelectualizado, mas eu sou desse jeito, uma sensível romântica. Jonathan disse-me que será promotor. Uma artista plástica e um promotor. Daria certo? No momento, trarei mais preocupações para meus pais. Assim que me sentir segura serei uma virgem a menos, essa

decisão é definitiva, serei de Jonathan. Temos muitas coisas em comum...